

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Vermelho para o amor

Pablo Santos Ferreira
pablosantosjornalista@gmail.com

Se a vida tem um caminho a percorrer, uma das ruas desse caminho deve ser a paixão, e para onde ela vai nos levar? Ou por quais caminhos preciso percorrer até, finalmente, alcançá-la? Em momentos de flertes, indago essas questões que são inerentes ao ser humano. Nossas vontades carnis e emocionais, que levam a romantizar alguém, no nosso ideal de: talvez eu possa flertar com essa pessoa, ou, talvez essa pessoa tenha interesse em mim? Para desvendar essas dúvidas de cada via que a vida tem, é preciso percorrer esses caminhos, conversando com seus cenários e os experimentando.

“Se nessa rua tem biqueira”, pode-se chamar de vergonha, sentimento que não nos deixa passar o sinal de atenção nas relações interpessoais e acaba marcando as nossas vidas. Sem sermos tão radicais, entrar em mais uma rua, pode nos causar os transtornos das outras que já cruzamos; mas justamente por essa experiência, a viagem pode ser

mais leve e apaixonante.

O desejo por cortejar alguém, dar um tempo até entender os interesses que acarretam em uma margem, para deduzir todas as questões, que até então, estão sem respostas. Esse é o brilho da paixão, de estar por alguém. Assim como as animações da Disney acompanham a atualidade, imagino que o flertar, até chegar no primeiro beijo leva o tempo preciso. O milésimo de segundo no ato de piscar um olho, ou os meses do primeiro convite para um encontro.

O que faz acelerar o coração, pode estar na dança à dois, no olhar fixo e inevitável ou também na provocação de mandar uma mensagem, contando com a insanidade da resposta. Tudo em uma rua sem saída, como a entrega de um ator no palco para com sua plateia, contendo uma ou vários que saíram de casa para um momento de catarse. A paixão deve estar por aí, nos detalhes que nos fazem sair um pouco da realidade estando nela, na busca por algo que talvez só encontraremos quando, enfim, o amor chegar dobrando a esquina.

Vitrine

Melissa Vasconcelos Gomes
escritoramelissavasconcelos@gmail.com

Mostro os textos que quero, quando bem posso. Não tenho idade o suficiente para ser levada a sério, nada que me pese vem a ser considerado. Um corte de uma flor sem espinhos. Uma escritora de vitrine. Me pergunto com qual idade de uma pessoa começa a ser séria. Observo grandes figuras que agem como jovens, e jovens que falam como se tivessem nascido idosos. Analiso bem os modelos de maturidade adulta, todos têm alguma sequela. Porém, para ter validade, se exigem algumas pregas no rosto e que se tenha desenvolvido alguma espécie de vício. Acho que, para ser séria, preciso ter mais de trinta anos, ter passado por algum divórcio, ter algum problema de saúde irreversível, beber no bar ou consumir algum entorpecente aos finais de semana para chutar a vida por algumas horas. Ou, simplesmente, ter uma profissão

bem-sucedida e uma solidão irremediável. Desejo que, nesta época, eu esteja sozinha e trancada em uma sala, escrevendo meus textos infantis e incompreensíveis. Mas nada contra os que escolhem perder a consciência de outras formas. Depois dos trinta, os textos sobre dores e sofrimentos, as escapadas para festas e encher a cara até perder a consciência são válidas. Imagino que, com trinta anos, serei tratada como uma criança que ainda não aprendeu a andar de bicicleta sem rodinhas, e até os sessenta, estarei me equilibrando no guidão e caindo de cara para o asfalto. Pode ser que eu morra em cima de uma mesa por desnutrição e falta de sol. Nas gavetas, meu amontoado de textos imaturos e sem importância ao longo das idades ganharão renome e sentido no exato momento em que eu fechar os olhos. Durante a vida, nunca saberei de nada sobre os dias. Depois da morte, talvez eu aprenda, enfim, sobre a maturidade dos anos.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Tem dias que só precisamos escutar

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Era manhã pós dia chuvoso, a brisa era fria, mas no céu a promessa de que seria um dia comum, calorento como de costume. Alguns vendedores chegavam devagar com seus carinhos de lanche, poças de água do dia anterior também esperavam pelo despertar do dia para secarem. Eu esperava o ônibus do outro lado da plataforma. Havia esquecido de escolher um novo livro para iniciar a leitura, logo, só me restava olhar para os pombos e para os pássaros que cantavam iniciando mais um dia na cadeia alimentar deles (ou nossa), mesclando com olhadas no relógio. Entre uma olhada e outra, lembrei de um pensamento remoto: há conversas que ficam por terminar ou a maneira que terminam já é um término.

O pensamento foi desviado de forma bruta com a chegada de um homem que andava pelo Centro da cidade, em meio aos olhares de medo ou julgamento. Dei escuta ao rapaz, era o que eu podia fazer, então ele começou a desatar sua história de vida. Fiz alguns questionamentos (poucos), visto que, na verdade, meu serviço ali era de ouvinte para o desabafo do jovem. É triste saber de realidades que poderiam ser diferentes, não fossem o descaso, muitas vezes, ou um lar disfuncional, a desigualdade, entre tantos outros fatores. Ele se emocionou, cantou uma canção que havia composto.

Meu ônibus chegou e eu só consegui terminar o diálogo com: “não desiste e continua anotando tuas músicas”. Segui o caminho pensando no momento vivido há pouco.

Tem dias que só precisamos escutar.



há conversas que ficam por terminar ou a maneira que terminam já é um término

CARLUS CAMPOS



Ligação

Iasmin Bezerra
Estudante da Uece, membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

O telefone tocou. Não eram 23:00 da noite, e você tentou contato para dizer um oi qualquer.

Deixei cair na caixa postal. O que você queria? Sei bem o quê.

Mas estou cansada de escrever, de pensar em ti. Em algum nível, exausta até de mim.

Tenho corrido muito para sair desse seu jogo... passado mais café depois de acordar, porque até isso não te servia.

Mergulhar no mar de domingo voltou a ser lei, não ter mais que explicar as marcas de sol, enquanto a TV ligada escondia o meu desgosto. Agora a alma volta, e a pele queima livremente.

Ainda trabalho mais do que devia, mas, ao menos, não escuto mais reclamações sobre os atrasos. Até a topic lotada não causa tanto estresse, já que, enfim, reencontrei

meus fones de ouvido.

Acho que é culpa do Carnaval; o corpo pede por folia, e ainda bem que dessa vez resolvi escutar.

Ouvi mais uma vez o telefone tocar... A ligação caiu, e eu voltei. O Carnaval acabou, e boba pensei que a sua voz iria embora quando desligassem as caixas de som. Engano.

A gastura de te saber continua no meu céu da boca; o gosto amargo não diminui.

Não importa o quanto eu o adoce.

Por que insiste em continuar aqui? Parece goma que erraram o alvo.

Por mais quantos dias não vou conseguir ligar o ventilador sem me perguntar se a velocidade está boa para você...

Vou ter que te esperar até nisso? Na minha melancolia desmedida por quem me viu passar colorida e resolveu fechar os olhos; afinal, o Carnaval para ti dura o ano inteiro.

Para mim, até o meio-dia da Quarta-Feira de Cinzas.

Perdemos o poder de criar?

Vitor Siqueira
Jornalista, membro do Conselho de Jovens Leitores O POVO

Recentemente, uma empresária da área de estética afirmou que os textos das colunas que escreve para um famoso jornal possuem intervenções feitas por Inteligência Artificial (IA). A ação foi destacada por ela como a “inteligência pessoal organizada pela ferramenta” e que as experiências inseridas no texto eram unicamente suas. Com isso, fica a questão: perdemos o poder de criar?

O uso desta tecnologia está difundido e cada vez mais frequente, servindo como um “quebra-galho” para a maioria dos seus usuários. Nestes casos, as plataformas são usadas para atividades básicas, como a formulação de um texto. Contudo, isso limita o processo de criação individual e não carrega a visão de mundo do interlocutor, ou seja, as palavras escritas por uma IA são apenas cuspidas por um algoritmo, sem qualquer mediação.

No fluxo de atividades no qual a sociedade está inserida, a rapidez se faz necessária para a entrega das demandas. Porém, a construção de um portfólio criativo e a ampliação das perspectivas próprias são fundamentais para as conversas que fogem do meio virtual, em que você se apropria da sua linha de raciocínio e detalha as ideias apresentadas para um projeto.

Não se espante, isso não é um menosprezo às plataformas. É algo mais profundo! Se arriscar a escrever um texto, criar uma imagem ou ter uma ideia fazem parte do processo criativo. Apesar do que acreditam, a criatividade não é um dom ou inata a um pequeno grupo de pessoas, ela é construída diariamente com o enfrentamento do medo de errar.

O uso consciente das ferramentas de Inteligência Artificial é essencial para o receptor compreender a mensagem que deseja passar, e caso haja dúvidas, você consiga explicar. Afinal, estar presente no processo é a forma mais eficaz de não perder o poder de criar.